



O QUE ELA CONTA
DO VERÃO

todas
escrevemos



Organizadoras

Camila Alexandrini
Bruna Morelo

Ilustrações

Amanda Lopes Lessa
Ellora Homem Amaral

Diagramação

Lis Bortoli Henz

Capa

Lis Bortoli Henz
Ilustração - Amanda Lopes Lessa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O que ela conta do verão [livro eletrônico] /
organizadoras Camila Alexandrini, Bruna Morelo ;
ilustrações Amanda Lopes Lessa, Ellora Homem
Amaral. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Fora
da Asa - Experiências Plurais, 2024.

PDF

Várias autoras.

ISBN 978-65-85262-06-4

1. Mulheres na literatura 2. Poesia - Coletâneas
3. Textos - Coletâneas I. Alexandrini, Camila.
II. Morelo, Bruna. III. Lessa, Amanda Lopes.
IV. Amaral, Ellora Homem.

24-196670

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



Apresentação

Gostaríamos de propor uma apresentação diferente para essa nova coletânea do selo TodAs EscreVemos.

Para muitas de nós, o verão representa a possibilidade (nem sempre a realidade) de poder parar e descansar. No entanto, tal possibilidade deveria nos ser ofertada todos os dias, em pequenas doses, para que não precisássemos nos esgotar para ter o direito de se cuidar.

Sabemos que é exatamente esta a estratégia do sistema racista-patriarcal-capitalista, no qual estamos inseridas todas, ainda que de diferentes maneiras: condicionar nossos corpos ao trabalho contínuo e boa parte não remunerado para não termos condições de encontrar outros caminhos a uma vida mais digna.

“Se nossas vidas não importam, produzam sem nós”, dizia o lema da greve feminista na América Latina e no Caribe em 2018, cuja reivindicação permanece. Pesquisas recentes mostram que, no ritmo que estamos, ainda serão necessários 20 anos para que mulheres tenham os mesmos salários que os homens - e são elas que chefiam mais da metade dos lares brasileiros.

Por esses e tantos motivos que cada uma de nós sabe: **É preciso parar.**

Portanto, propomos agora, assim como fazemos no início de nossos encontros nas oficinas, que cada uma feche os olhos, arrume-se onde está, alinhando a coluna. Coloque os ombros para trás e dê uma respiração profunda, para que possa perceber o corpo por inteiro. Descanse as mãos nas coxas ou lado do corpo. E respire mais duas vezes.

Sugerimos que coloque uma música de sua preferência e permaneça de olhos fechados. Se o pensamento vier, deixe ir. Se as demandas do dia começarem a bater na porta, deixem-nas ir também. Agora você parou e não precisa cuidar de nada a não ser de você mesma. Fique aí pelo tempo que hoje for possível. E amanhã repita. Cada dia será diferente, não se cobre. Aproveite esse tantinho resgatado do agora,



para ver uma flor aos detalhes.
para assistir ao pôr do sol.
para sair com uma amiga.
para ouvir uma música.
para almoçar.

Cada momento de agora que você vive por inteiro é um soco no estômago desse sistema. Ser gentil e amorosa consigo mesma não é romantizar a luta. É a garantia de que estará viva - tudo que esse mundo perverso aí parece não querer. E viva, seguiremos juntas, para lembrar uma a outra de que isso é possível.

Nossas escritas estão aqui para isso também. Boa leitura,

Bruna Morelo e Camila Alexandrini
Organizadoras



Como seria o mundo se criado por uma mulher?

Às vésperas de completar 46 anos, visualizo o mundo que eu quero criar e onde quero viver. Um mundo regido pelas mulheres. Este seria um mundo com respeito ao tempo das coisas, ao tempo do pão e do barro. Um mundo de processos e de bruxarias. Um mundo que não tratasse a natureza como recurso a ser explorado, mas como ente a ser protegido e cuidado.

Não haveria a necessidade de guerrear, nem de combater, pois a lógica dominante seria a lógica da abundância e as políticas seriam políticas sustentadoras de vida. Neste mundo, todos os grupos e etnias seriam vistos e participariam das decisões importantes tanto sobre o cotidiano quanto sobre os rumos que queremos tomar. Seria um mundo de corpos alegres, onde os ritmos do ser humano estariam alinhados aos ritmos da natureza. Um mundo onde sempre houvesse espaço para a dança e onde o descanso fosse direito. Eu consigo ver esse mundo já acontecendo, pois estamos aqui, juntas.

O mundo criado por uma mulher negra ou indígena seria feito de cuidado ao lidar com quem te rodeia. O conhecimento seria repassado de gerações para gerações, aliás, conhecimento, valores, postura e ética. O convívio em sociedade seria para somar e não para competir, aniquilando alguns para que outros se sobressaíssem. Se eu pudesse recriar o mundo, começaria por desconstruir a lógica da branquitude, grupo que se reúne para perpetuar privilégios e opressões. Essa casta tenta desumanizar os grupos nos quais não se enxerga, tenta impedir acessos, inviabilizar a mobilidade social. Extintas as regalias da branquitude ou penalizadas essas práticas, poderíamos partir todos do mesmo ponto rumo às mesmas oportunidades.

Se o mundo fosse criado por uma mulher negra ou indígena, nós que somos natureza não estaríamos apartados dela, morando em caixinhas de fósforos. Nós relembraríamos que somos todos parte deste imenso cosmos. Todos plantaríamos, viveríamos mais em comunidade e nos ajudaríamos ao invés de competir uns com os outros. Riríamos e dançaríamos mais, usaríamos roupas mais coloridas, cada um de nós colocaria a serviço da comunidade o seu próprio talento. As crianças seriam cuidadas por toda a comunidade. Não seríamos cosmo-fóbicos. Este seria um mundo de ouvir e contar muitas histórias, de contar os sonhos e de sonhar. Seria um mundo no qual nos guiaríamos pelas estrelas. Seria um mundo de belezas e não de feiuras e exploração.

E o mundo não foi mesmo criado por uma MULHER negra/indígena? Habitar o espaço presente, é compreender que antes da chegada de muito/e/as, nossas



antepassadas estavam lá. Cuidando, respeitando sua vida, COEXISTINDO com o não humano que também vive, que também habita.

Entender o mundo a partir do olhar amefricano, é entender que coabitamos e (RE)EXISTIMOS em coletivo. Na nossa terra Brasil, foi nessas origens que o HOJE se faz PRESENTE, mesmo que muito/as não percebam.

Coexistir, sem romper, sem infringir, sem sucumbir.

Esse solo já arado, adubado, fundado.

O mundo gira. Gira em torno do sol. Gira em torno do seu próprio eixo. Ele dá voltas e mais voltas. Ele circula, assim como os saberes das mulheres negras e indígenas que em suas comunidades faz este saber circular, ir além. Elas não aprisionam o conhecimento. Elas os liberam através de suas histórias, suas memórias, suas vivências. Se elas não criaram essa ideia de mundo egoísta, individualista e concreto. Elas podem nos salvar. Salvar o que nos resta de ligação com a natureza. Sozinha eu não posso mudar o mundo, mas posso me ligar a todes que buscam o mesmo e deixar que estas ideias circulem, ampliando a roda desta cantiga.

Sonho com uma chuva bem fininha, que molha a terra devagar. Me molho, coloco o pé na terra. Sou eu quem chora, minha mãe, minhas irmãs, minha filha. Aumentando a chuva, aumentando o alívio, a gente faz barro. Quando a gente sonha pode ser uma só e todas juntas.

E se ouvíssemos as anciãs antes de tomar alguma decisão?

Quais são as estórias femininas que a voz da sua intuição sussurra em seus ouvidos?

Você as ouve? Que ritmo elas têm?

Fomos paridas pela Terra. Foi parto normal ou cesárea?

Se o planeta fosse governado por mulheres negras, haveria monocultura?

Haveria capitalismo? Haveria exploração? Haveria vingança?

Para onde vão as lágrimas de frustração dos desejos reprimidos das mulheres que vieram antes de nós?

E o que vamos fazer por elas?

O que acontece quando realizamos os sonhos das nossas ancestrais?

Você sabe qual era a cor dos olhos da sua tataravó?

Quantas ervas e plantas do seu jardim são materializações da cientista empírica que foi sua bisavó?

Onde moram nossas ancestrais? E qual seria o futuro criado por elas?



O sagrado vive no que não criamos
Cada átomo, cada molécula do que existe
Nos quatro elementos: ar, fogo, terra, água
o barro e a substância
A natureza é uma grande mulher sagrada
o sagrado está dentro dessa mulher diversa e ancestral
"A natureza não precisa de nós"
pois somos corpos fecundados pelas tantas naturezas
nós precisamos de nós
para cuidar dessa grande mãe
sem violentá-la
sem sacrificá-la
violentando a nós mesmos
contaminando a água, a terra, a flora
humanos e animais

Penso que tudo é consciência, mulheres ancestrais governando o mundo seria de mais acolhimento e sabedoria. Se seria perfeito!
Seria mais visceral e menos superficial.

Eu aprendi com a Dona Iracema coisas que nenhum livro seria capaz de me contar. Eu continuei aprendendo com a Dona Berenice coisas sobre as chuvas e o barro que nenhum professor já tenha me dito antes. Eu aprendi com a Dona Alba que os espíritos habitam ainda esta casa e que devemos rezar por eles. Todas elas, donas do meu coração e do meu destino. Eu não sei bem ao certo para onde estou indo, mas sei que meu caminho é alegre porque estou junto delas e de nós. Nós mesmas, por dentro e por fora, construímos esse elo de cuidado e cura que um dia transformará o mundo por completo. Secando as feridas, costurando as cicatrizes, tecendo outras formas de ser árvore e rio, seguimos. Meu coração bate com o coração dessas mulheres e, sempre que perco meu prumo, respiro fundo e penso nelas, com meu corpo inteiro. Elas sussurram ao meu ouvido palavras em diversas línguas e fazem brotar imagens tão lindas... Com elas, nós intersomos.

As histórias - o que é contado pela boca ou pela ação - são nossos guias, para que, coletivamente, possamos criar e contar novas histórias, que guiarão outras histórias e mais outras e outras... Nosso mundo se (re)faz de saberes ancestrais. E só assim ele continuará a existir.

Escrita coletiva



SUMÁRIO

Auspícios Aline de Barros	9
ETERno verão Ana Paula Fagundes	11
Banho de rio Bruna Schneider	15
Ah, que delícia o verão! Cíntia Colares	19
Marina Daniela Scheifler	21
Verão Corpóreo Dantara Stamado Ordovás	23
Verões (s)em ti Gabriela Rebello	25
Meu hit de verão Gisele Lopes	28
O Pinheiro Ohana Homem	30
Manual da Veranista Rafize Santos	32
Bem-aventurado Verão! Rosa Mayommbe	36
Estação das permissões Rosemar Silva	38
No toque do tambor é amor Simone Soares	40

Auspícios

Verão
que os contratos com a vida se renovam

Verão
que os sorrisos brotam mais fácil

Verão
que a pele está à mostra

Verão
que os encontros frutificam

Verão
que as águas salgadas curam

Verão
que o Carnaval sempre chega

Verão
que a cerveja gelada nutre

Verão
que o descanso é direito

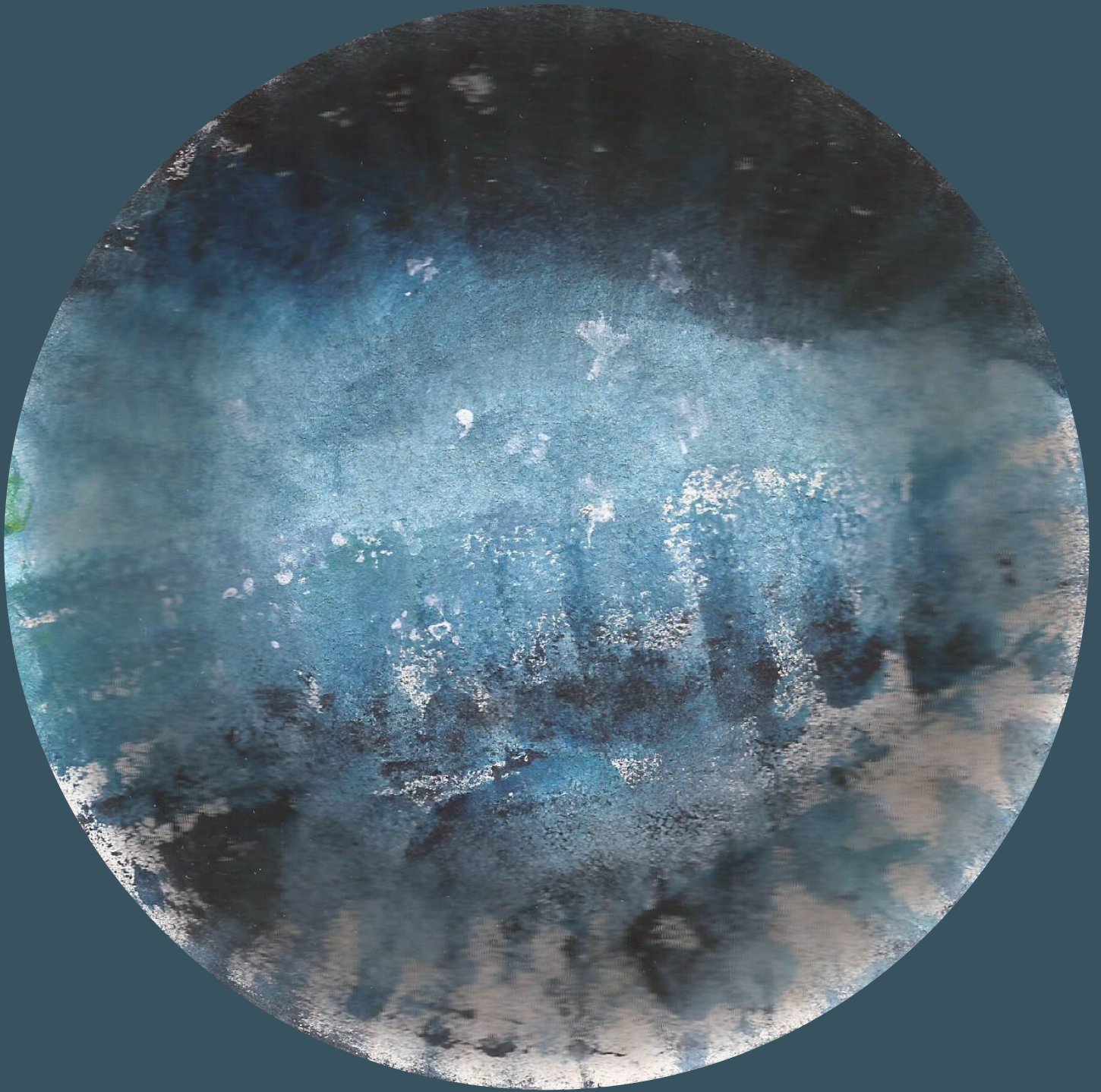
Verão
que as chuvas são purgação
e que lemanjá nos protege

E assim, de verão em verão, nos conectamos ao ritmo do existir.

Esfriar pra esquentar
Contrair pra expandir
Entrar pra sair

Viver, viver, viver
No verão. E além.

Aline Pereira de Barros



ETERno verão

Dizem que é no caminho do meio o melhor lugar para andar. Que é necessário o equilíbrio dos elementos para o bem viver. Que o rio, por maior que seja, nunca briga com a pedra. Ele segue o seu rumo. E chega no mar. E que há cinco elementos.

Mas um deles...tem sido mais esquecido.

fogo

O calor do **fogo** está muito presente no verão. Verão é estação dele! E no calor escaldante, acrescido do aquecimento do Planeta após a revolução industrial, seguimos.

No verão, há forte tempestade. No passado, se dizia que a tempestade de verão logo passa. No presente, com a mudança climática, é cada vez mais intenso. Fica um rastro mostrando o estrago que o ser humano faz com sua pequenez de se achar superior à natureza. Somos natureza.

O fogo também é do calor do corpo amante. Pelo calor do fogo do sexo não percebi minha saia queimando. Com 3º grau de queimadura, na maca do hospital, enquanto não conseguia comunicação com nenhuma pessoa conhecida, ele estava lá. Ao lado. **Éter**. A presença dele. O pai já morto. Da roupa que grudou na pele, que prendeu nas coxas, nas nádegas, nas mãos quando consegui me livrar do tecido incandescente, o cheiro de pele queimada, nua. Seguiram-se nove dias de internação.

Mas, ah, verão é época de se despirmos! De sair da casca, da toca, de trocar de pele. Cabelo ao vento, pé descalço na terra molhada, mamilos ao sol. Sentir na pele, a massagem da água.

Para quem pode.

Há aquelas (pessoas), aqueles (seres) que estão na seca. Na reza para Padre Cícero fazer chover na Caatinga. E as que estão nas periferias, nos morros onde a água não sobe. E não é de hoje.

Água - Guerra por água. Dizem que será a próxima guerra.

Aprendi com ela que se pode tomar banho com 2 litros de água. Ela, navegante, literalmente. O sonho transformado em realidade era navegar o mundo, e foi, junto com o companheiro e filho. Há quem diga, impossível! *Sempre dizem impossível nosso viver.*

Em breve, com o aumento de 1,5 a 2°C de temperatura, pelo inevitável derretimento das geleiras, haverá aumento do nível do mar e a **água** se fará mais presente submergindo cidades litorâneas.

É, na era da mudança climática, da desigualdade e do ecocídio, **quando não é**

escassez é excesso.

É água que inunda as casas de quem mora perto das barragens para fazer energia hidrelétrica, energia dita "limpa". Energia na realidade suja, que vai para exportação junto com metais e latinhas de alumínio do líquido maldito. Ainda na onda da energia "limpa", torres imensas de cataventos, hélices dos parques eólicos espanhóis são instaladas no sertão. Sem distanciamento das residências, ao povo é servido comer poeira, barulho e ingratidão.

ar

Nas partículas presentes no **ar**, viajam o som das árvores que chispam nas florestas do Cerrado. Viaja o gemido dos seres ruminantes. Aqueles que aguardam a água que não chega e, às vezes, somente às vezes, matam a sede no líquido que guardam os cactos da Caatinga e logo mais do Pampa. Chama, mas humanidade não escuta.

Éter

Queremos ser, era o que bradavam os povos autônomos antes da chegada do colonizador em Abya Yala. E foram esmagados. E as meninas e mulheres de ontem e de hoje que andavam nuas, cruas, expunham suas belezas e foram estupradas, silenciadas, maltratadas...**Queremos ser, ainda gritam os povos e comunidades de todos os lugares**, que são esmagados pelo sistema capitalista desigual, imperialista, monótono, monocultural e ainda colonial.

O imperialismo quer ser único, poderoso e excluir tudo o que for diferente. Explodem bombas e o mundo inteiro televisa o genocídio de um povo. Mas já estava na poesia do povo palestino, escrita há décadas: que não temem a tirania. Que podem acabar com a arte, com os corpos, com tudo, mas guardam uma pequena semente viva. Sementes, como as que as mulheres negras que foram trazidas à força da África trouxeram nos cabelos. Sementes vivas que são protegidas e plantadas novamente. E na Índia, mulheres plantaram florestas e lutaram contra as corporações que esmagavam as comunidades, no ontem, no hoje e no amanhã.

terra

A monocultura nas terras, nos biomas, como o Pampa extingue os bichos, as plantas e toda biodiversidade. Quando é na mente, a monocultura do pensamento único extingue povos e modos de viver que sejam diferentes do dominante e normativo, por isto as indígenas semeiam florestas da mente.

Quando é no amor, a monocultura, em forma de monogamia e posse, também mata. Mataram a palhaça Julieta. A ciclo-viajante errante que levava a todo o canto a ingenuidade, a esperança na humanidade e na vida.

É. Na terra nasce há milênios a vida, mas continua um lugar perigoso para as

mulheres. Todas elas. As que tem buceta e as que têm a ousadia de ser mulher sem ter.

Quando é verão faz inverno e quando é inverno vira verão. Nesta conjugação da mudança climática, tem ciclone, tufão, só não tem todas as mulheres dando as mãos. Por isto há que escutar o que te faz bem e o teu sofrer. Fala mulher, para só assim, fazer da *dor amor*.

Para tentar entender o mundo é preciso olhar de ponta a cabeça.

O movimento, a iniciativa, o uru gutural, que traz mudança, acende a chama da esperança. Um tempo morno é como das gentes que não se elevam, não se irritam, não gritam, não se indignam, não se manifestam e não lutam.

O movimento faz sentir a diferença, como o toque do berimbau, a batida do atabaque, o pulsar do coração. O de dentro pra fora e o de fora pra dentro. O movimento do calor e do frio. Da água e do seco. Do vento. Do inverno e verão. Sentindo o prazer de cada estação. E o poder dos cinco elementos.

Frente ao anúncio da iminente tempestade há os que ladram sem parar para os trovões, até ficarem roucos, como meu cachorro. Há os que se escondem, como minha cadela e gata. Mas nenhum, nem macho, nem fêmea, indistinto de espécie sai ileso, sem sentir sua potência.

Iansã traz o raio, o trovão e cabruummm. A chuva molha a terra do sertão e nascem as flores. Coloridas, bem-vindas.

Onde está humanidade? Que esquece o éter? O espírito. O ser. A existência. O quinto elemento, a quintessência.

Com a espada de Oyá e o martelo de Xangô, haverá justiça aos seres da terra, de todas as cores, gêneros e classes. Com a força da humanidade que escuta com todos os poros, há de se restabelecer o equilíbrio dos cinco elementos. E se este ano é de Exu, há de se arrumar os caminhos.

Há uma semente, há várias sementes que serão plantadas e irão nascer e renascer a esperança e união. Depois da tempestade, vem a maresia. Depois da chuva, “o sol...há de brilhar mais uma vez” no canto de Clara Nunes.

Verão, te gosto porque sei que depois virá o inverno

yin e yang

céu e terra

água e fogo

opostos que se complementam

Ana Paula Fagundes, verão de 2024



Banho de rio

Era mais um daqueles dias de verão absolutamente insuportáveis. Talvez você não se lembre, afinal, algumas boas décadas já se passaram desde então. Mas era época de colher melancias, algo que eu tanto amava quanto odiava. Adorava o sabor de uma fatia de melancia gelada, succulenta, que vai refrescando o nosso corpo pela parte de dentro enquanto engolimos. Eu não tirava nem os grãos. Por outro lado, carregar aquela fruta pesada, lisa, que insistia em escorregar pelas minhas mãos pequenas após a colheita, enquanto eu caminhava de volta para casa, era um sacrifício. Eu vi na internet há algum tempo uns vídeos de jovens em um tipo de academia, que parecia um galpão, carregando umas bolas pesadas de um lado para o outro. Me lembrei de quando eu carregava melancias lá na roça. Parece que hoje é alguma coisa legal e até pagam para isso.

Em uma daquelas tardes quentes, te vi passando em frente ao portão de casa de bicicleta. Nunca tinha te visto antes. Você pedalava rápido e a poeira que erguia do chão batido não me permitiu enxergar o seu rosto. Durante a noite, no jantar, o pai comentou que uma família nova havia se mudado para o lote ao lado do nosso, que ficava a alguns poucos quilômetros de distância. Já tinha conhecido o Sr. Jacobsen, patriarca, que vinha de Santa Catarina tentar se sustentar através do plantio de milho. Lembro do meu pai ter rido ao final, dizendo que o dinheiro que o milho rendia mal servia para comprar farinha no armazém. Mas enquanto meus pais tentavam desvendar a vida dos novos vizinhos e meus irmãos mais novos permaneciam em silêncio, afinal, não nos era permitido falar à mesa, eu divagava pensando em ti. E eu nem te conhecia.

Refletindo sobre isso hoje em dia, ao longo dos meus 85 anos de idade, era natural que eu me interessasse por ti mesmo sem saber quase nada ao teu respeito. Não era comum ver moços com a minha idade rondando a nossa roça. Eu nunca saía de lá, apenas para visitar algum parente ou quando meu pai queria alguma ajuda para vender as sacas de feijão no centro da cidade. Te ver passando em frente à minha casa era como se meu mundo silencioso fosse invadido por um estranho. Mas um estranho tão bonito. Em poucos segundos que te vi pedalando, me apaixonei pelo seu porte esguio, os braços fortes, a pele tão escura e brilhante que parecia fazer festa com o sol. Eu não conseguia parar de pensar em ti e comecei a bolar mil planos para te conhecer, para te ver nem que fosse por mais alguns poucos segundos.

Até hoje acredito que o destino ouviu as minhas preces e te levou para a beira do

rio no dia seguinte. Era uma sexta-feira de fevereiro e, apesar de o céu estar coberto por nuvens pesadas que anunciavam a chegada de um forte temporal, estava um calor de suor parada. Fui até o rio para me banhar, como gostava de fazer quando acabava o serviço na roça e antes de ir preparar o jantar com a minha mãe. Eu costumava usar uma camisola branca, de um algodão firme, costurada a partir de um lençol que a vó havia deixado de herança para nós. Tinha muita vergonha de nadar sem roupa, mesmo sabendo que quase ninguém se banhava ali durante a semana, estavam todos muito ocupados em trabalhar e deixavam os raros momentos de lazer para o domingo. Mesmo assim eu não me sentia confortável em ficar nua ali, sempre desconfiei que algum morador das redondezas pudesse estar à espreita, me observando, para depois me atacar. Histórias assim eram comuns naquela época, e meu pai sempre dizia que a gente não podia dar motivo para um homem fazer isso com a gente.

Mas eu não me assustei quando te vi chegar na beira do rio, colocando a bicicleta deitada no chão, e fazendo um sinal perguntando se poderia ficar ali. Eu assenti com a cabeça, um pouco tímida, sem conseguir falar uma única palavra. Você riu. Um sorriso tão bonito que parecia um raio de sol naquelas horas pré tempestade. Não entendi até hoje o motivo, mas você não quis entrar no rio, apenas arregaçou a barra da sua calça, sentou em uma pedra e molhou seus pés. Enquanto isso, abria um quadrado pequeno de palha, recheava com um pedaço de fumo e acendia com um fósforo. Eu já estava acostumada com homens fumando palheiro, habituada com o odor amargo e invasivo do tabaco. Era desagradável. Mas vendo você fumar era diferente, você tinha uma plenitude no olhar enquanto tragava que parecia esquecer que estava ali.

Eu continuei nadando, um pouco retraída por saber que não estava mais sozinha e com vergonha de que você pudesse me achar estranha. Ainda mais com aquela camisola prendendo os meus movimentos. Não trocamos mais nenhuma palavra naquele dia, apenas nos observamos. Você, ao contrário de mim, não baixava o olhar quando me encarava. Eu mergulhava na parte mais funda do rio e nadava do jeito que meu pai havia me ensinado. Chegava a encostar nas pedras frias e lisas, de tanto que eu me inundava naquelas águas geladas que vinham da nascente no morro. Era como se meu corpo se perdesse ali, como se houvesse um mundo inteiro embaixo das corredeiras daquele rio. E quando eu voltava para a superfície para respirar, depois de não sei quanto tempo mergulhando, via você à margem. Com os olhos imóveis me observando. Tentei decifrar os seus pensamentos, mas a minha timidez foi maior e não ousei olhar para você por mais de três segundos consecutivos.

Assim ficamos por um momento que pareceu durar horas, uma eternidade, até ressoar o primeiro trovão e cair o primeiro pingo de chuva. Lembro de você ter se levantado, acenado para mim em tom de despedida, levantado a sua bicicleta e desaparecer embaixo da chuva pela estradinha de chão. Eu coloquei o meu vestido por cima da camisola molhada e voltei para casa, triste pela chuva de verão que havia encerrado de forma tão abrupta aquele momento de silêncio, mas de intimidade.

Nunca mais te vi. Passaram-se dias, talvez meses, e eu não tive uma notícia sua. Eu ia diariamente até o rio, no mesmo horário em que havíamos nos encontrado naquele dia, e você nunca voltou. O outono havia chegado, a temperatura já estava mais fria, e ainda assim eu ia até lá esperar você, mesmo que nunca tenha marcado um compromisso comigo. Eu não queria encerrar aquela nossa curta história daquele jeito. Não sabia o seu nome, o que você fazia, do que gostava de fazer além de saborear o fumo, se era realmente filho do Sr. Jacobsen. Certo dia tomei coragem e perguntei ao meu pai se a família vizinha ainda estava por lá. Na verdade, a distância entre os pedaços de terra era tão grande que é até estranho usar a palavra “vizinhos”. Ele estranhou a pergunta, não entendeu qual poderia ser o meu interesse naquelas pessoas. Mas respondeu dizendo que sim, que ainda estavam lá, mas com dificuldades na roça, uma vez que precisaram dispensar os seus “peões” porque não tinham mais dinheiro para pagá-los.

Entendi que esse era o final da nossa história. Foi o que eu disse para mim mesma. Você nunca mais voltou para as redondezas e eu demorei décadas para sair da roça. Talvez você tenha trabalhado na cidade, fumado palheiro em um lugar grande como Porto Alegre, enquanto eu ia estudar em Taquara. Imagino você pedalando entre os carros, com um olhar sereno, sem se assustar com o ronco dos motores, enquanto eu aprendia a falar português na escola, com vergonha do meu sotaque alemão e da minha mania em usar o artigo feminino para falar de um substantivo masculino. Gostaria de ter passado mais tempo contigo e ter mais coragem para falar uma única frase com você. Te chamando para tomar um banho de rio comigo.

Bruna Schneider



Ah, que delícia o verão!

O corpo aquece
Se livra das roupas
Dos pudores
E sai a saracotear por aí
Final de semana é na rua
A noite é nossa
E as noites blacks são tão lindas
O som vai nos conduzindo
Nos balançando
Nos sacudindo
Nos puxando pra viver
Experimentar
Se jogar
Se no inverno a gente se recolhe
No verão a gente se espalha!
Ai, que delícia o verão!!!

Sou Flor de Lótus,
Sou Cíntia Colares

Cíntia Colares



Marina

Nós nunca conversamos assim intimamente. Acho que nunca conversamos. Naquele quatro de janeiro eu acordei com a bexiga cheia, peguei o celular no caminho para o banheiro e levei um susto com a mensagem da minha mãe na tela que dizia: Marino faleceu! Um precipício se abriu dentro do meu estômago. Calma. Respira. Vai de novo. Tinha uma mensagem do Marino: Marina faleceu. Alívio. Culpa? Na praia, o dia não combinava com as mensagens dos primeiros raios da manhã. Um rasgo na matrix me espiava por detrás do azul. Você foi uma mulher solar, minha meia irmã que nunca aceitou o fato do nosso pai ter constituído uma segunda família com dois filhos e tudo mais, um deles inclusive com o nome quase igual ao seu. Você foi morar em Salvador e ir atrás do trio elétrico, viver a vida, casar muitas vezes e parir muitas mulheres. Se levou lambadas da vida não sei. Não tenho nenhuma boa lembrança assim eu e você, mas sempre respeitei a sua raiva. Quando eu nasci, um peixe fora d'água, o carnaval já estava pronto, eu já era íntima de um anjo torto e havia uma savana de leões para me devorar. Você reinava triunfante e o poder que emanava de você esmagava meu corpo pequeno de menina. Você migrou. Anos depois também migrei. Nenhuma de nós cabia naquele lugar. Não era um lugar para se caber. Chorei o paradoxo estendido na areia. Tentei desdobrar o sentimento pois sou dessas mulheres que precisam dar um curso para as suas águas desaguar. Você teria debochado de mim no seu sorriso largo com seus olhos brilhantes. Talvez tenha chorado não por você, mas por nossos irmãos. Deve ser duro perder uma irmã de verdade. Talvez tenha chorado por ser duro não termos sido realmente irmãs. Quando fui a Salvador nem cogitei lhe visitar. Você também não me convidou. Entre nós só abismos e nada nunca combinou. Meses antes de morrer você disse que me amava numa mensagem no Instagram. Não sei de onde veio esse amor. Não lhe respondi. Não sabia que você estava doente. Você sabia que iria morrer em breve. A iminência da morte deve dar acesso a algum lugar que a mim, iludida com tanta vida, me escapa. Não consigo lhe amar, mas lhe sou sincera. Duvido mesmo que você me ame de fato. Queria lhe dizer, contudo e a despeito de tudo, que no dia que você partiu de volta à sua estrela um dia lindo e ensolarado brilhou em sua homenagem.

Daniela Scheifler



Verão Corpóreo

A pele coberta que a tanto tempo tem morada em meio aos tecidos, convoca sensações com o fora. Busca respiro nos “entres”. Como entre uma troca e outra de vestimenta, entre um movimento e outro, entre os gestos e os materiais que a limitam. Aquilo que aconchega a pele em leito, também sufoca. Chega o tempo onde os poros suspiram. Que a tensão clama pela expiração. Corpo em casulo que expressou-se entre as cobertas, como quem se alinha em sua própria intimidade. Tempo de renovação das concepções, de exprimir o que estava contido. O que estava guardado para si. Num casulo de aconchego que chega ao fim de seu ciclo. Chegado o verão. Despindo o corpo que nu se revela em abertura. Abertura de ser, abertura de arrepiar com o mundo. Expresso de si mesmo, em contatos e contágios com o exterior. Permitindo-se ser borda. Ser sensação. O tempo que escorre, derrete, energiza, movimentada, desabrocha, vaporiza, amolece. Lembra o corpo que é carne e que pulsa junto à luz do sol. Corpo atravessado daquilo que é exterior. Num tempo que o faz existir em si. Que provoca as intensidades, que convoca a desestabilização das matérias. Pulsa, exala, sofre ações do tempo com o desejo de vida. Desarma pequenas chuvas que salivam de vez em vez, como uma língua com sede, quente e gotejante. São misturas, de água, suor, cremes e protetores solares, areia, poeira levantada que dá espaço às movimentações que se expressam...sulcos de um verão. Corpo acontecimento, um e vários ao mesmo tempo. Sol que se alonga e expande pelo dia, para tocar as superfícies de nós. Expondo a pele ao respiro de si e da luz. Uma luz que dá outra cor às coisas, projetando tonalidades a partir dos laranja-violetas. Onde as superfícies ganham sua potência máxima de coloração, junto de um filtro quente que faz com que toda visão pareça mais aconchegante para os olhos. São raios de um tempo que transformam os cenários. No verão, tudo reluz dourado.

Intento pintar com as palavras, algo que pertence ao sentir. Deixar o verão queimar as vocalizações enquanto se fragmentam no movimento do corpo. Nesta pele que sufoca e ouriça, entre bafos e brisas da estação. Que está quente enquanto palavreia, em pinceladas de vivência nesse estado de fluxos entre corpo-tempo.

Dantara Stamado Ordovás



Verões (s)em ti

Mãe, completaram nove verões que a vida terrena nos separou.

Mas hoje posso te ver nos pássaros, quando eu os alimento no pátio

Por me lembrar o quanto tu gostava de fazer isso com os sanhaços que viam em nossa janela.

Às vezes, tomando café, vejo os passarinhos daqui chegarem e sinto quase como se fosse o seu bom dia, como aqueles que você sempre me dizia, antes de ir trabalhar.

Essa noite me dei conta de que com o passar do tempo, acabei esquecendo como era o tom da sua voz.

Quando falávamos, ríamos, discutíamos e também você me contava sobre as notícias que tu descobria em primeira mão por trabalhar na redação.

Mas mesmo sem essa referência, a cada vez que eu fecho os meus olhos, posso lembrar de ver você em casa com o seu chambre e tomando o cafezinho que você gostava de fazer todas as tardes, antes de começar a tricotar. Ou de nossas caminhadas na orla, todos os verões e nossos enjambres para colher os butiás que tinham no caminho.

Assim, a cada ano que passa, sua simbologia em mim se eterniza nas músicas da continental que gostávamos de ouvir juntas, no som da natureza e menos na sua voz que tanto me cuidou. Eu nunca me esquecerei da imagem que tenho de quando pequena ir te procurar na área de serviço e quando te vi olhando no escuro da noite às estrelas no céu, era você se conectando e tendo o momento com a vó Laurinda, mesmo sem você nunca ter me dito.

Agora eu te entendo.

Amor de filha, amor de mãe.

Obrigada por ter me mostrado, da sua melhor forma, como é ter esse lar materno para se abrigar, mesmo nos dias mais tristes.

Pássaro, vento, rios, mar e universo. Quantas de nós que já partiram serão lembradas hoje no coração de quem ficou? Ao escutar uma de nós, questioneei o quanto realmente o verão pode ser um período duro para processarmos o luto e sentirmos dor. Porém, durante todos esses verões, creio que este é o período em que eu mais consigo resgatar o seu amor e a sua vontade de me ver viva, feliz e forte.

Desde que os meus verões mudaram de meses, a cada inverno e natal que chegam, o meu peito dilacera e rezo para que a próxima estação apareça e eu lhe veja em outras formas florescer. Do fundo de minha alma, achei que não resistiria, mas a memória, a mesma que apagou a sua voz da minha mente, me lembrou da sua força para me ver viva, mesmo nos últimos minutos da sua vida, em que eu vi

a sua partida e mesmo rompida, resisti.

Entender as estações, ressignificar e reaprender como o amor pode se materializar é entender que somos parte dessa natureza (in)finita, que responde muitas vezes com força para entendermos que mesmo em sua infinitude tudo é cíclico e necessita partida(s). Mudamos o riso, mudamos o corpo, mudamos a vista, mudamos a vida e com ela também mu(n)damos o luto, ressignificando o nosso resistir e o nosso senso de partida.

Que possamos celebrar mais ao lado de quem e do que amamos antes das nossas idas. Para que as memórias possam no futuro se transformar em histórias de amor e verões infinitos nos corações de quem ainda fica(m).

Te agradeço muito por você ter me gerado a vida.
Obrigada por, mesmo de longe, sempre me manter reerguida,
Com todo o coração e amor da sua eterna e teimosa filha,

Bibi

Gabriela Rabello



Meu hit de verão

Para mim, verão simboliza descanso, sombra, cerveja geladinha e pé na areia, assim como Diogo Nogueira canta em seu hit de verão. É nesta estação que acontecem as minhas férias mais duradouras. Todo professor e professora as aguardam ansiosamente. É no calor escaldante que temos frescor para a alma, a mente e o corpo desgastados pelo ano letivo.

Diogo Nogueira faz um convite irrecusável de ir à beira do mar, onde tudo pode acontecer, inclusive o nada. Com certeza, Diogo nunca veraneou no litoral norte gaúcho, mesmo tendo morado em Porto Alegre, enquanto buscava se firmar como jogador de futebol no Esporte Clube São José, o querido Zequinha.

Diogo, certamente, não enfrentou os longos engarrafamentos na Free Way. De caminho livre não há nada na estação mais quente do ano. Não levou a casa nas costas em um carro popular sem ar condicionado.

Para nós, gaúchos, chegar na praia e aproveitar a brisa do mar exige um trabalho suado e coordenado para encher o bagageiro de um rancho (na praia tudo é mais caro), ventilador (não é mais fresquinho como antigamente) e colchão (sempre aparece alguém quando a casa está superlotada).

Casa de praia parece coração de mãe, sempre cabe mais um ou mais uns. Tem disputa por tudo do banheiro ao pão na hora do café. Há quem acorde cedo com os primeiros raios solares e quem vá dormir com o amanhecer. O que seria uma alegria compartilhada entre pessoas queridas torna-se partida de gaúchão, o qual começa no verão.

Ir à praia é quase um convite às festividades que só podem rolar sob a energia solar e o banho de mar. A água salgada lava a alma e reenergiza. Pra mim, não é bem assim.

O mar gaúcho não é tão atraente: gelado com cara de chocolate ou quente esverdeado cheio de mãe d'água. Posso escolher entre congelar sujando o maiô de areia ou correr o risco de ter a pele envenenada por mães d'água iradas. A decisão é complexa e demorada. Na dúvida, permaneço na areia debaixo do guarda-sol com os olhos atentos nas ondas do mar.

Criança não se amedronta com temperatura ou balneabilidade. Apenas se joga, se aventura. Pega jacaré. Toma caldo. Mergulha. Enfrenta os medos alheios, e alheia à minha vigilância, ela se esbalda nas águas salgadas. Amornada e cabelos salgados reclama de fome. Não é qualquer fome. É de picolé que tem valor salgado na beira da praia.

Vejo meu dinheiro suado em um ano letivo escorrer pelos dedos. Suado está o vendedor de tanto empurrar o carrinho debaixo do sol escaldante sem conseguir apreciar o frescor da maresia. Afinal, é nesta estação que se pode fazer uma renda extra ou apenas ter alguma. Deixa ver, pra quando o inverno chegar.

No fim, o nosso suor se encontra sem a perspectiva do hit do Diogo Nogueira. Sem água de coco para relaxar. Assim, eu já espreito as férias em julho. Quem sabe uns dias no Nordeste e deixar o meu suor rolar sentindo o frescor sem a bagunça de uma casa cheia em algum quarto de hotel com vista para o mar. “Pé na areia, a caipirinha. Água de coco a cervejinha ...” Deixa os boletos pra quando o verão voltar .

Gisele Lopes

O Pinheiro

Um vale cheio de árvores negras, mas lá só um pinheiro reinava frente à casa.

Era verão e eu nascia quente: na cabeça ruiva, no gênio de minha mãe, na língua afiada, na vontade de viver. Como poderia ser ignorada?

Era verão e já tinha aprendido a caminhar e a falar. “As meninas são mais ligeiras”. Esperta, sagaz, olhava pra ele no fundo dos olhos e puxava firme o seu bigode. Vai me notar.

Uma fotografia. Minha mãe comigo nos braços.

Era verão e eu já era uma bugia brava. Acordava às 5h da manhã para subir na tua garupa e tirar o leite da única vaca. Era muito quente e a gente descascava o feijão que tu plantou.

Era outro verão e eu tive que ir embora. Tinha escola. Tinha casa. Mas a casa que eu reconhecia era o conforto do teu sovaco. Era a tua comida saborosa, as tuas piadas, a tua presença, o teu cheiro de roça capinada.

Te levei comigo em TUDO. Te entendi profundamente. E quando tu não soube mais que dia era hoje, nem qual era a estação do ano, te contei do meu primeiro verão. Do primeiro que me lembro de ti:

“Depois do almoço, a vó me colocou para dormir. A lembrança do clarão em volta do quadro de Nossa Senhora Aparecida me acompanha até hoje. Ficava alucinada, olhando por horas... Ela falava comigo, cantava pra mim. Uma vez tu me disseste que era a mãe Oxum e desde então eu a chamo todas as noites quando fecho os olhos para dormir.

Tu te lembra desse quadro? A mãe acha que eu não posso lembrar de algo tão antigo. Verão de 86. Ela acredita pouco nas coisas. Já eu... sempre um pé aqui e outro lá! Tu me dizia para fincar os pés no chão: firma os caminhadores! E espantada com a impossibilidade de atender ao teu pedido, eu te respondia muito debochada: - Os dois? Eu tenho asas.

Verão de 86. Bebezinha, te vi me ver. Que engraçado! Eu sabia que tu me amava, mas tu, muito macho, cheio de birras com minha mãe, não conseguia me pegar no colo. Mas ia todos os dias ver se eu estava bem. Ninguém me contou, eu nos vi. Minha mãe chorou quando eu contei pra ela e disse que sempre desconfiou. Sinto que ela te perdoou.

Pequeninha já sabia que tu era o meu pinheiro, e que eu precisava te escalar se quisesse ficar contigo. Pois eu vivia na tua garupa, grudada em ti. Não te dei nem chance de negar o meu amor. E quando o mundo me chamou e me desgrudei de ti, tu podou o pinheiro. Entendi a tua escolha. Tudo tem início, meio e fim. Te lembra do pinheiro? Ainda me pego pensando como é que pode eu nunca ter caído de uma árvore tão grande?

- E tu já viu bugio com asas? É um bicho ligeiro.



MANUAL DA VERANISTA

VERÃO 2023/2024

Este é um manual de instruções para mulheres que desejam viver um verão sem-vergonha. Para aquelas que desejam sair nas ruas, mostrar suas rabas, despirem-se de suas nóias, viverem um amor, dois, três, revolucionar. Um manual para que todas as que o lerem nutram-se de coragem, de fé, de amor por seus corpos, pela vida, pelo planeta.

⚠️ ATENÇÃO! ⚠️

Esse manual recomenda fortemente que você respeite seus tempos, seus movimentos, suas vontades e desejos, seus limites. Que você saia quando quiser sair, fale quando quiser falar, durma quando quiser dormir, repouse, descanse, sinta. Viva a vida a seus termos. Use essas instruções quando sentir que convém. Todo o conteúdo instrutivo deste texto fica atrelado ao respeito à sua liberdade. Esse é o primeiro manual de instruções feminino que não pretende desafiar seu livre arbítrio.

1 - COMPONENTES DO VERÃO

São componentes fundamentais para o bom funcionamento do verão e da sua diversão os seguintes itens:

- Seu corpo, alegre, saudável, dentro de roupas confortáveis. Ele é templo da sua história, carrega consigo as marcas de quem viveu a vida com verdade e voracidade. Verão sem corpo é sem graça. Permita que a estação tenha um brilho a mais porque você escolheu desfilar e bailar junto com ela;

- Música. Cada uma de nós carrega uma criativa, uma artista interna. Liberte-a. Dance a valsa das ondas do mar, o foxtrot de uma cachoeira mansinha, o funk do bar da esquina, com uma cerveja gelada na mão. Cante o samba de roda da sua própria trajetória junto com suas amigas e manas, ou as músicas que “parece que foram feitas pra você” aos berros, sentada na cadeirinha de plástico do boteco com música ao vivo. Inunde o verão com a sua estação favorita;

- Amizades sinceras e bons rolês. Verão é tempo de sair da toca, de subaqueira, de se misturar, de suar o bigodinho em meio ao povo. Que o tilintar dos copos e os bons encontros rodeiem você durante os três meses que são “a grande sexta-feira do ano”.

2 - CALOR

Nosso modelo atual de sol é pessoal e intransferível, qual seja, “*um sol pra cada uma*”. Nas próximas edições deste manual compartilharemos se o Planeta Terra já iniciou seu movimento de *recall* para diminuir as quantidades de sóis existentes. Para as usuárias que utilizarão seu sol pessoal, aqui vão as instruções:

- Você é solar. acredite. Seu sorriso é um sol que acende muitos corações, seus olhos brilham refletindo sóis para quem os mira demoradamente, seu corpo é capaz de acender fogueiras em outros corpos por aí. Confie no seu sol.

- A pessoa que mais se importa com o tamanho e formato das roupas que vai usar para sair na rua em dias de calor é você mesma. O calor é implacável como seu autojulgamento. Destes dois itens, procure diminuir o que você mesma pode tentar mudar (já que o *recall* solar planetário ainda não aconteceu e o calor não dá nem sinais de que sairá de cena);

- Se sentir calor em meio às pernas quando estiver próxima de gente interessante, é um bom sinal. Siga em frente e aproveite a festa!

3 - DESCANSO

Para que o verão funcione corretamente, o descanso é fundamental. A chance de avarias é real se você não descansar. A primeira sugestão dessa seção do manual é uma reflexão profunda sobre o fato de você saber ou não como descansar. Se puder fazer essa reflexão enquanto relaxa e sente o seu corpo baixando a guarda e desligando os alarmes, melhor.

- Recomendamos a **escuta** atenta do seu corpo para que você consiga compreender qual tipo de descanso será necessário: se é físico, mental, social. Dar atenção aos sinais do seu corpo é uma forma não-padrão de cuidar dele, para além do skin-care, dietas e *lifestyle* das blogueiras. Que a escuta do corpo seja uma grande bússola que leve você a oásis deliciosos em meio ao verão desértico que estamos vivendo.

- Uma mulher descansada é revolucionária, rebelde, samba na cara da sociedade. Sempre que possível, cometa essa subversão.

4 - DOS AMORES

Verão é uma época de muitos acontecimentos externos, mas também muita timidez interna. A recomendação deste manual é para que você, antes de tudo, procure amar a si e amar todas as partes de você. Se isso for difícil, recomendam-se outras tentativas *como acostumar-se, aceitar, compreender,*

acolher, gostar um tiquinho, conviver. Que a conexão mais profunda do seu veraneio seja, antes de tudo, com quem você é de verdade. E você é maravilhosa. Lembre-se sempre disso.

- Nossa recomendação mais profunda é: AME! Ame verdadeiramente. Viva um amor de verão com suas melhores amigas, tenha um casinho aqui e outro acolá com um bom livro, enquanto passeia por cafés e restaurantes por aí, tenha um date demorado e apaixonado pelos corredores de um bom museu, em sua própria companhia. Fite demoradamente sua obra de arte favorita, beije muito, transe com quem quiser e sobretudo com você mesma. Viva a não-monogamia da conexão, isso potencializa muito as experiências veranistas.

5 - DA GARANTIA

⚠ ATENÇÃO! ⚠

Afirmamos que a leitura desse manual não oferece garantia de *nada*. A bem da verdade, ele é uma grande piada com todos os manuais que já tentaram nos enfiar goela abaixo sobre como nós, mulheres, deveríamos ser ou nos comportar. A única garantia que talvez a leitura desse texto ofereça são algumas boas risadas e algumas lembranças de quem já fomos e do que fizemos em verões passados.

Esperamos que você faça bom uso de tudo o que reuniu internamente por aí e saia espalhando sua luz pelo mundo.

Rafize Santos



ELLOPIAS

Anseio de aguar
Tua luz dispersa
Sobre a doce lagoa
ou deitada no leito do rio
Te anseio ainda mais
Enquanto orbitas
o gosto de sal
Em minha pele escura
Derramada em gozo
Pelas gotas do mar

Rosa Mayommbe

Bem-aventurado Verão!

Bem-vindo, bem-aventurado, estação do bem estar. Ao menos, para mim, apesar dos efeitos nocivos da elevação do aquecimento global no metabolismo. O vigor solar de dezembro atíça os órgãos e os sentidos, dilatando e aumentando o fluxo sanguíneo; a musculatura agradece a trégua das contraturas. Sua cordialidade é tecido que abraça por inteiro a pele e vai serenando as sensações indesejadas durante o equinócio de março até o iniciar do solstício de verão.

Mesmo assim, eu posso afirmar, que o verão é uma roupa que me cai bem. Me cai bem, pela diversidade de tons dispersos no ar. Pelo colorido e simplicidade, Me cai bem, porque é quando o corpo experimenta a leve e delicada textura da insubordinação; adentro a estação numa sintonia fina com a sua luminosidade e calor; a planta dos pés experimenta a nudez do chão. É quando estendo as manhãs no varal dos dias até que o sol , lentamente, se despeça no céu e a lua e suas coadjuvantes luminosas se espalhem na escuridão e eu deite os olhos na rede a contemplá-las durante a brisa noturna do verão.

O verão do hemisfério sul tem um comportamento sociável, extrovertido e agregador, percebe-se isso nas rodas de conversas de adultos consumindo várias geladas nas mesas dos botecos nos fins de tarde, pequenos e maduros frequentando as sorveterias. Ah, verão, pede ventilação e hidratação!!!! Para driblar o calor e matar a sede!

Sede de encontros nas ruas, depois do introspectivo inverno e das chuvas prolongadas de setembro a novembro. Sede de refrescância do corpo no azul das piscinas, em banhos de mangueiras; nas salgadas ou doces águas litorâneas durante as “vacaciones” familiares ou de grupos de amigos.

Sede de saborear líquidos que satisfazem a paixão; sede de beber o gozo e relaxar os corpos suados depois do encontro com o prazer durante o magnetismo do verão .

O verbo da estação é intransitivo: relaxar ! O sinônimo: “Descansar, livrar-se do cansaço, da fadiga, do trabalho” e alcançar a sensação agradável de contentamento e prazer!

Bem-vindo, bem-aventurado VERÃO!

Rosa Mayommbe



Estação das permissões

1.

Ele me toca de um jeito que me desacomoda,
Chega de mansinho ao pé do ouvido,
provoca calafrios e quando vejo já estou em brasa.
Seu nome, verão.

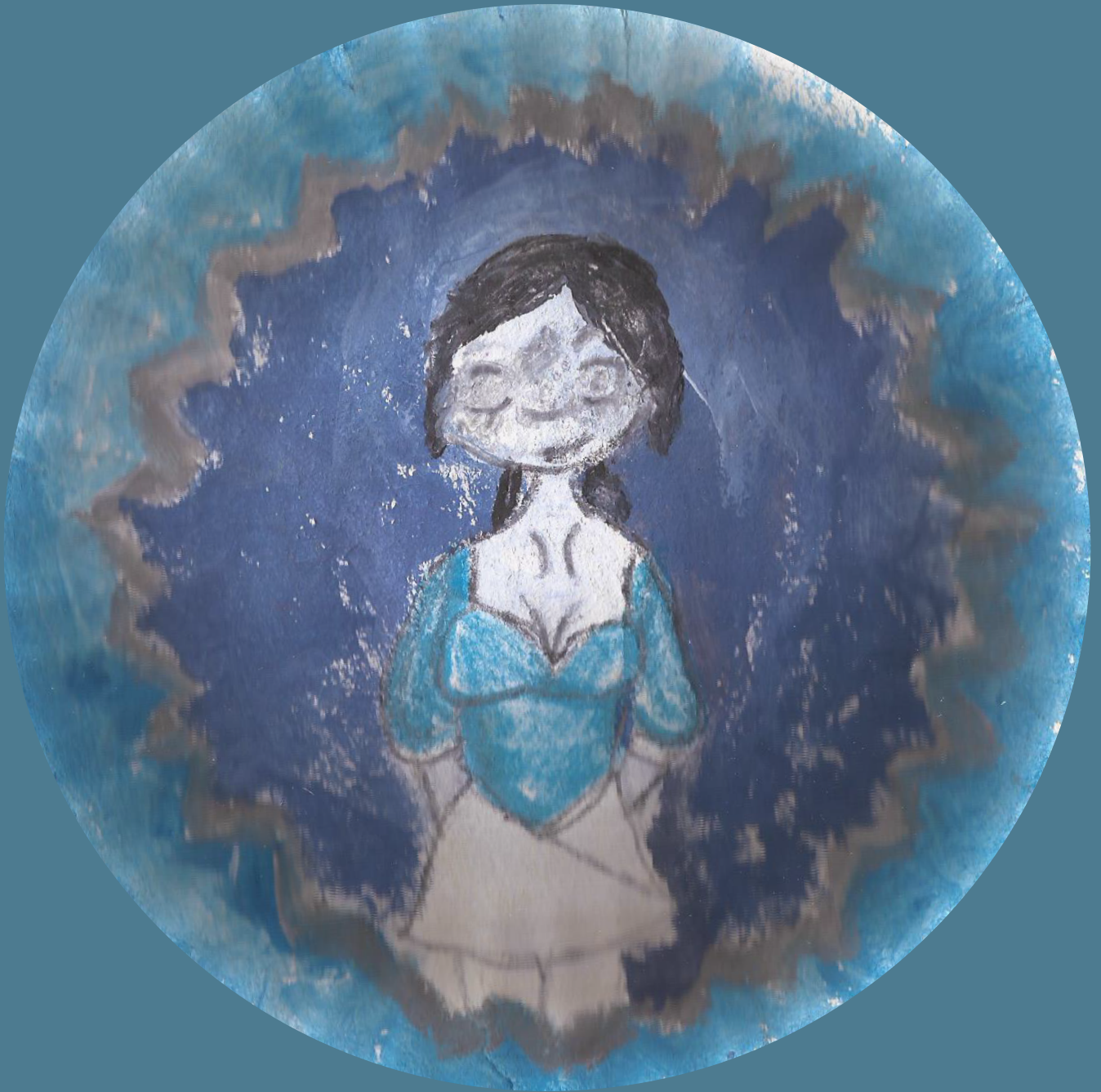
2.

Estação das cores, intensas.
De renovar amores
Ciclo das sensações
Desperta o libido degustativo, das permissões.

3.

Ele me causa inquietação,
Uma espécie de ebulição mental!
Acho que agita minhas molequinhas,
Por isso tanta agitação.
Então começo a exorcizar, e no papel vou aliviando meu coração,
Jogando alí o que já não é mais meu mas, de quem se astrever a ler, sem a
ambiçãõ de querer entender.
Pronto, foi, soltei...chegou o verão.

Rosemar Silva



No toque do tambor é amor

Meus pés sobre a areia à beira do mar, na fé em reverência à rainha do mar.

A brisa acaricia minha face levando tudo que é peso, balança as cortinas impostas do meu próprio desejo, que flui com o vento, que sopra do sul a norte, me move e me comove. Uma imagem do lindo mar é amar. Quanto a ti, mãe natureza, exuberante lindeza. Sobre a imensidão do mar salgado, meu corpo a tocar, e todo mau que a mim carrego deixarei sobre o mar.

Cada onda, às vezes revoltada, irá arrebentar, assim somos, carregados de altos e baixos, somos parte do elemento da natureza, moléculas, sangue e partículas movidos de alma em busca contínua do amor.

Minha mãe natureza, é pra você que escrevo e a ti tenho amor porque me nutre no verão e nas outras três estações. O que seria de mim se não tivesse teus ciclos e amor a fortalecer?

O outono das folhas secas das árvores sobre o chão é você que mostra a nova fase do renascimento.

O ar gélido do inverno é um corpo querendo abraçar para aquecer a paixão que acalenta e acalma o coração.

Primavera é a cor cheirosa da flor, é sinal que um ano está prestes a se despedir com seu glamour.

No verão tiro várias roupas, inclusive as da alma, e danço teu samba, energia e beleza que tem em todas estações.

Minha fé vem do mar

Minha jornada é do vento a me levar aos quatros cantos do mundo.

A terra, a areia, o verde da grama, meus pés irão pisar sobre as escolhas da estrada do meu ser aventureira.

Sobre o elemento sol, aquecer o fogo do meu amor por ti, elemento puro, que me nutre .

Limpo com a água salgada do mar... O mês que mais sinto tua presença junto à ancestralidade é fevereiro, o som do atabaque, o canto da origem e a dança rica. Origem da cultura dos povos indígenas e africanos que te cultuamos, no sangue que percorre em minhas veias, juntamente com o toque do tambor que me acolhe com o teu amor, mãe natureza, minha essência .

Eu não cansarei de te amar e vou atravessar a alma do outro como me ensinou a amar, você me constrói assim como coração de mãe.

O quê me dói é o fato de tanta poluição que te toca e te machuca, no rio que deságua no mar, nosso alimento que nos deu puro contaminado está.

Eu quero que a empatia chegue aos meus irmãos e que a consciência do cuidado para com a mãe natureza é necessária em todos os verões.

Simone Soares



FORA•ASA

<https://www.todasescrevemos.com/>